



Palafitas de Manaus como textos da cultura amazônica: fundamentos e observações¹

Mirna Feitoza PEREIRA²

Taissa Dias BARROS³

Márcio Alexandre dos Santos SILVA⁴

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Centro Universitário do Norte, Manaus, AM

RESUMO

Este *paper* apresenta parte da fundamentação teórica e das observações realizadas durante pesquisa que tratou das palafitas da cidade de Manaus como textos da cultura amazônica. A pesquisa foi motivada pelo iminente desaparecimento dessas habitações do espaço da cidade, em face do avanço das ações do poder público para revitalizar as áreas invadidas dos igarapés. Os resultados permitem concluir que as palafitas funcionam como textos da cultura e que o próprio espaço geográfico no qual elas incidem, isto é, o igarapé, conforma o espaço semiótico necessário ao funcionamento dos sistemas de signos das palafitas. Sem o igarapé, a palafita tende a desaparecer da cidade. Neste sentido, as relações natureza-cultura na Amazônia são discutidas a partir da semiótica da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: palafitas; texto cultural; espaço urbano; semiótica; Amazônia.

Este *paper* apresenta parte dos resultados obtidos com a execução do projeto de pesquisa “Espaços semióticos urbanos: palafitas como texto da cultura Amazônia” (Projeto Palafitas), que explorou a relevância cultural das palafitas da cidade de Manaus a partir de uma visão transdisciplinar que demandou conhecimentos da semiótica, da geografia, da história e da arquitetura e urbanismo.

Erguidas no entorno dos rios da Amazônia, palafitas são moradias tradicionais da cultura ribeirinha que dialogam com o ciclo das águas da região, com suas pilastras de madeira submersas durante a enchente e vindas à tona no período da vazante. Em

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação e Semiótica, professora adjunta da UFAM e pesquisadora responsável pelo projeto Palafitas, que deu origem ao presente trabalho. E-mail: mirnafeitoza@gmail.com

³ Estudante de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário do Norte (Uninorte/Laureate). Foi bolsista de iniciação científica do projeto Palafitas, por meio do PROBIC Uninorte, em 2008. E-mail: tdbarq07@yahoo.com.br

⁴ Publicitário e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM). Foi pesquisador voluntário, em nível de iniciação científica, do projeto Palafitas, por meio do PROBIC Uninorte, em 2008. E-mail: alexandre395@gmail.com



Manaus, elas foram historicamente construídas em áreas invadidas no entorno dos igarapés situados no perímetro urbano da cidade, conformando grandes aglomerados urbanos⁵. Em que pese os impactos ambientais gerados pelas palafitas, não se pode negá-las como solução arquitetônica do homem amazônico para adequar-se ao ambiente em que vive. Assim, as palafitas são construções vernaculares tradicionais da região.

Desse modo, sem negar as contradições envolvidas no objeto em questão, a pesquisa que gerou este *paper* foi motivada pelo iminente desaparecimento das palafitas do espaço urbano da cidade de Manaus, em face das ações de revitalização das áreas invadidas dos igarapés promovidas pelo poder público estadual, através do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (Prosamim), que estão removendo as palafitas da cidade de Manaus sem que sua relevância cultural tenha sido explorada, a exemplo do que ocorreu nos anos 1960 com a Cidade Flutuante.

A Cidade Flutuante constitui um extenso aglomerado urbano formado por mais de 3.000 casas flutuantes construídas sob as águas do Rio Negro, em frente à cidade de Manaus, na orla do bairro de Educandos, cujo primeiro registro histórico data de 1920 (MONTENEGRO: 2005), sendo removida pelo poder público estadual nos anos 60, em razão de seus impactos ambientais e sociais que eram constantemente denunciados pela imprensa da época, ficando “marcada de forma negativa em nossa história por seus casebres em desalinhos, sua falta de estética, suas mazelas, onde passou a ser chamada por alguns escritores de lixeira a céu aberto”. (MONTENEGRO: 2005)

Desta feita, a compreensão da relevância cultural das palafitas torna-se necessária a fim de conhecer, reconhecer e resguardar a memória da cultura armazenada nessas habitações, que expressam tanto o diálogo da cultura amazônica com a natureza quanto o desenvolvimento urbano da cidade de Manaus. Neste sentido, a pesquisa assenta-se no âmbito das relações natureza-cultura na Amazônia.

Palafitas como textos da cultura amazônica: fundamentos semióticos

A compreensão da relevância cultural das palafitas fundamenta-se no estudo da cultura como texto a partir da semiótica da cultura da Escola de Tartu-Moscou. Conforme Lotman, ao tomar um objeto cultural como texto, supõe-se que ele esteja codificado de alguma forma por, no mínimo, duas linguagens, ainda que os códigos que

⁵ Na região, são chamados de igarapés os pequenos braços de rios, também conhecidos como córregos e riachos, que permeiam toda a bacia hidrográfica da Amazônia.



o entrelaçam como tal sejam, num primeiro momento, desconhecidos pelo investigador. (LOTMAN, 1998b: 119)

Assim, textos culturais são formações semióticas cuja textualidade é construída no encontro de pelo menos dois sistemas de signos culturais. Também chamados de sistemas modelizantes secundários, linguagens secundárias ou linguagens da cultura, os sistemas de signos culturais diferem do sistema modelizante primário, isto é, da língua natural, cujos textos articulam-se a partir do código verbal, que é previamente conhecido pelo investigador. Na semiótica da cultura, contudo, não se sabe quais são os códigos que atuam na codificação do texto cultural, sendo a tarefa do pesquisador reconstituí-la. No contexto dessa semiótica, a noção de texto ultrapassa sobremaneira a codificação proporcionada pela linguagem verbal, aplicando-se, conforme Machado (2003, p. 168), a todos os portadores de sentido (cerimônias, obras de arte, peças musicais, uma reza, uma lei, um romance). Segundo ela,

O texto é um complexo dispositivo que guarda variados códigos, capazes de transformar as mensagens recebidas e de gerar novas mensagens. Isso quer dizer que um texto não é um recipiente passivo de tudo o que vem do exterior. O texto é um mecanismo semiótico gerador de sentidos. O texto é sempre um texto em uma linguagem que sempre está dada antes do texto. Assim, o texto não é um receptor passivo, portador de um conteúdo depositado nele de fora, mas, sim, um gerador de sentidos em processos interativos. O texto é um espaço semiótico em que interagem, se interferem e se auto-organizam hierarquicamente as linguagens como “dispositivos pensantes” ou, melhor, como dispositivos dialógicos. (MACHADO, 2003, p. 169)

É a partir desse conceito de texto cultural que se define as palafitas da cidade de Manaus como texto da cultura amazônica. Por meio dele, também é possível examinar as funções exercidas pelas palafitas na cultura da região. Isto porque os textos culturais exercem três funções dentro da cultura: função de comunicação, função geradora de sentidos e função memória.

Na função de comunicação, os textos atuam na transmissão das mensagens da cultura, sendo que toda alteração na recepção destas é considerada como desfiguração, “ruído”, resultado de um trabalho mal feito do sistema (LOTMAN, 1998c: 86). Nessa função, a transmissão dos significados se cumpre da melhor forma quando ocorre a mais completa coincidência de códigos entre aquele que fala e aquele que escuta, sendo esta a máxima monossímia do texto. Esse mecanismo de identificação, de abolição de diferenças e de elevação do texto a uma padronização desempenha não apenas um papel



que garante o caráter adequado da recepção da mensagem no sistema da comunicação; cumpre também a função de garantir a memória comum da coletividade, de converter a coletividade de uma multidão desordenada a une *personne morale*, conforme expressão de Rousseau usada por Lotman. “*Esta función es especialmente importante en las culturas ágrafas y en las culturas en que domina una conciencia mitológica, pero, como tendencia, se manifiesta con uno u outro grado de evidencia en cualquier cultura.*” (LOTMAN, 1998b: 120)

Se na função de comunicação a diferença entre a mensagem enviada e a recebida deve ser debitada na conta das imperfeições do sistema, na função do texto como gerador de sentidos a diferença é a essência do trabalho do texto, que se torna um “dispositivo pensante” da cultura. O que na função de comunicação é defeito, na função geradora de sentidos é norma (LOTMAN, 1998b: 121). A distinção básica entre essas duas funções é a carência de homogeneidade interna na organização da segunda:

Así pues, desde el punto de vista de la primera función, es natural representarse el texto como una manifestación de *um solo* lenguaje. En este caso, el texto es homoestructural y homogéneo. Desde el punto de vista de la segunda función, el texto es heterogéneo y heteroestructural, es una manifestación de varios lenguajes a la vez. (LOTMAN, 1998c: 88)

Lotman observa que o texto só é capaz de realizar uma atividade geradora de sentido se estiver submerso em uma semiosfera, isto é, no relacionamento com outro(s) sistema(s) da cultura. Neste sentido, a memória do homem em contato com o texto pode ser considerada como um texto complexo, pois esse contato conduz a trocas criadoras na cadeia informacional (LOTMAN, 1998c: 90). A essência do texto como gerador de sentidos está, em considerável medida, na sua capacidade de interagir com outros sistemas da cultura. Desse modo, o texto configura-se como espaço semiótico em que as linguagens interagem, interferindo-se mutuamente e se auto-organizando hierarquicamente. (LOTMAN, 1998b: 122)

Como gerador de sentido, o texto cultural está organicamente vinculado ao problema da pragmática, sendo este o aspecto de trabalho do texto. Conforme explica Lotman, esse mecanismo supõe uma certa introdução no texto de algo de fora, seja este “fora” outro texto, ou o leitor (que também é “outro texto”), ou ainda o contexto cultural. A introdução deste algo de fora é necessária para que a possibilidade de gerar novos sentidos, encerrados na estrutura imanente do texto, transforme-se em realidade.



El texto como gerador del sentido, como dispositivo pensante, necesita, para ser puesto en acción, de un interlocutor. En esto se pone de manifiesto la naturaleza profundamente dialógica de la conciencia como tal. Para trabajar, la conciencia tiene necesidad de una conciencia; el texto, de un texto; la cultura, de una cultura. (LOTMAN 1998b: 124)

Ao exercer a função de memória da cultura, os textos culturais agem, de acordo com Lotman, como sementes de plantas, por serem capazes de conservar e reproduzir lembranças das estruturas precedentes da cultura. Nela, os textos tendem a se converter em símbolos integrais, adquirindo grande autonomia de seu contexto cultural, funcionando no corte sincrônico e diacrônico da cultura. *“En este caso, el símbolo separado actúa como un texto aislado que se translada libremente en el campo cronológico de la cultura y que cada vez se correlaciona de una manera compleja con los cortes sincrónicos de ésta.”* (LOTMAN, 1998c: 89)

Levando em consideração os sentidos gerados pelas palafitas ao longo do desenvolvimento urbano da cidade de Manaus (tais como os relacionados às desigualdades sociais, aos problemas ambientais, sanitários e urbanísticos), toma-se a própria cidade como espaço semiótico amazônico, no qual as palafitas aparecem como texto articulado a partir do encontro entre duas culturas: a cultura ribeirinha cabocla e a cultura urbana. Assim, as palafitas funcionam como uma região fronteira de linguagens, uma zona conflituosa de interação entre culturas que gera sentidos a partir da diversidade semiótica que permeia esse relacionamento.

Se a análise dos sentidos gerados pelas palafitas de Manaus, no confronto com o espaço urbano planejado, pode ajudar na compreensão de seu desaparecimento da paisagem da cidade, o exame da memória da cultura atualizada em sua arquitetura pode revelar o enraizamento cultural mais profundo dessas habitações, um texto que pode estar além e aquém da fundação da cidade de Manaus e da própria cultura cabocla, cuja leitura pode transcender o próprio contexto cultural e geográfico da região, sendo talvez um texto a funcionar no eixo sincrônico e diacrônico da cultura planetária.

Observações de campo no Igarapé do Franco

Na observação de campo realizada no Igarapé do Franco, no dia 6 de março de 2008, o número de palafitas já era bem reduzido em decorrência das ações do Prosamim. Das 1.050 palafitas que existiam no entorno do Igarapé, só restavam 300 até

o dia da visita à área observada. A quantidade reduzida, no entanto, não impediu o avanço da pesquisa. Foi a partir dessa observação que se chegou à hipótese que passou a conduzir o projeto: a de que as palafitas da cidade de Manaus são textos modelizados a partir do encontro dos sistemas de signos da cultura ribeirinha com os sistemas de signos da cultura urbana, constituindo, elas mesmas, uma região de fronteira entre as duas culturas.

Foram encontradas palafitas construídas entre casas de tijolo e concreto; casas de tijolo e concreto com fachadas pintadas em cores primárias vibrantes (verde, azul, amarelo, vermelho, branco) iguais as que costumam aparecer nas palafitas tradicionais; ônibus e asfalto passando ao largo de palafitas localizadas às margens do igarapé. (Figura 1). Nesse cenário, um costume típico da cultura ribeirinha chamou atenção: a despeito de o igarapé estar todo poluído, os peixes que abasteciam a feirinha localizada próxima ao igarapé chegavam de manhã cedo em canoas e pequenas embarcações.

Os equipamentos urbanos (Figura 2) e as instalações da feirinha (Figura 3) davam mostras da intensidade de relações entre a cultura urbana e a cultura ribeirinha naquele espaço: com bancas feitas de madeira, a feira está instalada próxima a uma ponte de concreto por onde passam carros, ônibus, e de frente para uma pracinha feita pela própria comunidade com bancos e piso de concreto. Próximo às bancas da feirinha, observou-se uma edificação que traduz bem as relações entre a cultura urbana e a cultura ribeirinha nas palafitas da cidade de Manaus: pilastras de concreto instaladas no leito do igarapé, e fachada composta de alvenaria, em sua maior parte, e de madeira (Figura 4).



Figura 1: Imagem de palafitas entre casas de tijolo e concreto com fachadas pintadas com cores vibrantes iguais as das palafitas. Fonte: Amauri Santos, 2008.



Figura 2: O igarapé é cortado por pontes de concreto, por onde passam veículos ao largo das palafitas- é o entrelaçar da cultura ribeirinha com a urbe. Fonte: Taissa Barros, 2008.



Figura 3: Feirinha instalada praticamente nas proximidades do igarapé. Fonte: Amauri Santos, 2008.



Figura 4: Edificação com pilastras de concreto instaladas no leito do igarapé, e fachada composta de alvenaria, em sua maior parte com acréscimo em madeira. Fonte: Taissa Barros, 2008.

Adentrando o aglomerado de palafitas, foram observadas passarelas de madeira por entre as casas (Figura 5). Construídas sobre o entorno e sobre o leito dos igarapés, essas passarelas são muito comuns nos aglomerados de palafitas da cidade de Manaus. São elas que dão acesso às casas, funcionando como “ruas” que interligam o asfalto e igarapé. No dia da observação, a maior parte das passarelas já havia sido retirada.

Foram encontradas algumas palafitas com arquitetura típica do interior, com grandes varandas feitas em ripas de madeira transpassadas na diagonal, remetendo para outro traço bem conhecido na região: o traçado das cestarias indígenas e caboclas.



Figura 5: Passarelas em madeira que interligam as palafitas. Fonte: Amauri Santos, 2008.

A partir da observação das palafitas do Igarapé do Franco, chegou-se o outro resultado importante: o próprio espaço no qual a textualidade das palafitas se constrói, isto é, o espaço do Igarapé, funciona como espaço semiótico, sendo ele a condição necessária para a presença dessas habitações. Concluiu-se ainda que o espaço semiótico das palafitas da cidade de Manaus se constrói a partir do encontro entre duas culturas e que este está modelizado nas palafitas e em seu entorno, colocando em contato a cultura cabocla ribeirinha e a cultura urbana. Neste sentido, identificar os sistemas de signos que modelizam esse encontro e suas codificações se torna um desafio para revelar a diversidade cultural manifesta nas palafitas da cidade de Manaus.

Observação de campo no Igarapé de Educandos

A observação de campo das palafitas do Igarapé de Educandos, realizada no dia 25 de abril de 2008, ocorreu em dois pontos: de frente para a lagoa formada pelo igarapé dentro da cidade de Manaus, região situada atrás do PAC de Educandos (Figura 6), e do alto da ponte que liga o bairro de Educandos ao Centro da cidade (Figura 7). Acompanharam a observação os estudantes de Arquitetura e Urbanismo Taíssa Dias e Amauri Sousa. Vale destacar que o espaço conformado pelas palafitas do Igarapé de Educandos ainda não foi atingido pelas obras do Prosamim.

A primeira parte da observação ocorreu na região situada de frente para a grande lagoa formada pelo Igarapé de Educandos no interior da cidade de Manaus, onde as palafitas aparecem ao longo de toda a extensão de uma pequena colina localizada às margens do igarapé. Do lado oposto à colina e à grande lagoa, encontra-se a cidade, com suas instalações e fluxos urbanos aparentes.

De frente para a lagoa e de costas para a cidade, logo se pode sentir uma diferença entre as palafitas do Igarapé de Educandos e as do Igarapé do Franco, ainda que no momento da observação não estivesse nítida a distinção entre ambas. Notou-se que as palafitas de Educandos se assemelhavam mais às palafitas tradicionais ribeirinhas do interior do Amazonas, especialmente as localizadas mais próximas do corpo d'água: predomínio da madeira com alguma incidência de materiais utilizados nas construções edificadas na cidade, como tijolo e cimento. Assim como no Igarapé do Franco, conforme as moradias se aproximam das áreas urbanizadas (das ruas asfaltadas, das calçadas), sua arquitetura se modifica, incorporando os materiais e as formas predominantes das construções da cidade. Realizar a observação no período da enchente dos rios também foi importante para sentir a diferença entre os dois igarapés. Nesse

momento, recorrer ao ciclo das águas da região e descrever a geografia física do local observado se faz necessário.



Figura 6: Palafitas do Igarapé de Educandos. Fonte: Amauri Santos, 2008.

Os rios da Amazônia oscilam o nível das águas através dos processos anuais de cheia e vazante. Por estar situado em frente à cidade de Manaus, o Igarapé de Educandos encontra-se diretamente com o Rio Negro. Sendo assim, no período da cheia o Igarapé fica com grande volume d'água, formando a grande lagoa que o caracteriza. Já no período da vazante, perde totalmente seu volume, ficando seco, com o fundo aparente.

Uma vez que no momento da observação, o Rio Negro estava em período de cheia, o Igarapé de Educandos apresentava grande volume de água. Com isso, em relação ao Igarapé do Franco, localizado no interior da cidade, portanto, bem afastado do Rio Negro, notou-se uma dinâmica diferente: no período da cheia, embarcações regionais de grande, médio e pequeno porte navegam pela lagoa do Igarapé de Educandos. Uma vez que o Igarapé fica dentro da cidade, essas embarcações navegam no interior da cidade no período da cheia, compondo um cenário urbano ribeirinho que se constrói dentro da cidade.

Vale destacar que há um pequeno estaleiro de barcos regionais na área observada, reforçando as relações de proximidade entre as palafitas e as embarcações, compondo a mesma paisagem dentro da cidade.



Figura 7: Foto produzida do alto da ponte que interliga o bairro de Educandos ao Centro mostra a proximidade entre as palafitas e as embarcações regionais. Fonte: Taissa Barros, 2008.

A observação do tráfego das embarcações no Igarapé de Educandos revelou relações importantes entre as embarcações e as palafitas: pela primeira vez notou-se que as cores vibrantes recorrentes nas palafitas da cidade de Manaus são as mesmas das embarcações regionais: verde, vermelho, azul (com variações mais claras e mais escuras) e branco (Figura 8). O reconhecimento da relação entre as cores das palafitas e das embarcações regionais foi marcante, podendo ser este um ponto-chave para o estudo da modelização do objeto estudado, uma vez que as embarcações regionais e as palafitas são representações importantes da cultura amazônica.



Figura 8: As embarcações de pequeno e médio porte recebem as cores vibrantes que aparecem nas palafitas. Fonte: Taissa Barros, 2008.

A navegação das embarcações regionais – principalmente as de pequeno porte, como canoas, voadeiras e barcos com cobertura – no Igarapé de Educandos levou ao reconhecimento de outra relação entre as embarcações regionais e as palafitas: algumas palafitas situadas de frente para o Igarapé de Educandos são dotadas de um pequeno *pier*, onde os barcos atracam. As casas possuem também uma escada que dá acesso, durante a cheia, à embarcação atracada no *pier* e, durante a vazante, à terra firme (Figura 9). Assim, chegou-se ao seguinte questionamento: qual é a entrada principal da palafita: a que está direcionada para a rua (ou passarela, no caso das palafitas que ficam longe do asfalto) ou a que dá acesso ao rio? Tal questão convida a refletir sobre a palafita como uma região de fronteira semiótica entre natureza e cultura na região.

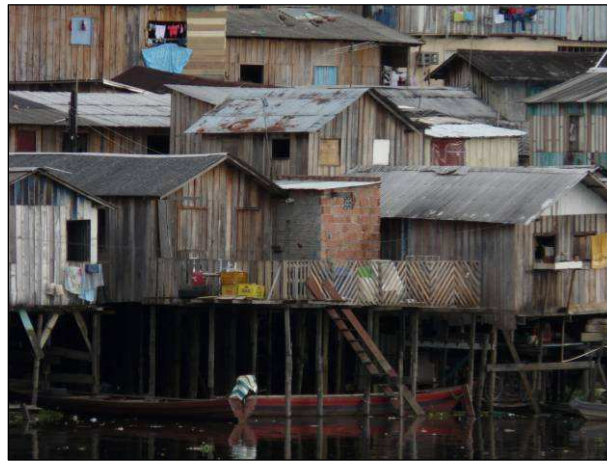


Figura 9: As habitações possuem escada que dá acesso, durante a cheia, à embarcação atracada no *pier* e, durante a vazante, à terra firme. Fonte: Amauri Santos, 2008.

No Igarapé de Educandos, chamou a atenção o sobrevôo e o canto de pássaros de pequeno e médio portes, como garças, criando uma atmosfera diferente da agitação urbana da cidade e remetendo ao espaço-tempo do interior do Amazonas.

Essa atmosfera se desfaz quando se desloca o ponto de vista para observar o espaço com os sentidos voltados para a cidade. Assim, a memória mais remota da cidade entra em choque com as transformações urbanas de grande vulto introduzidas pelas obras do Prosamim nas áreas invadidas do Igarapé do Mestre Chico e no Igarapé do 40, que fazem intersecção com o Igarapé de Educandos; entre elas, remoção de palafitas; edificação de conjuntos habitacionais; revitalização da Ponte dos Ingleses e instalação de equipamentos urbanos que antes não existiam, como áreas esportivas, passeio público, iluminação, sinalização de trânsito (faixa de pedestre, semáforo, placas



com identificação das ruas), além do intenso tráfego de veículos, de pequeno e grande porte, comum às regiões de abastecimento de qualquer grande cidade⁶. Um espaço de relações contrastantes: bucólico quando observado de frente para o Igarapé e de costas para a cidade, e altamente urbano, quando observado de costas para o Igarapé e de frente para a cidade.

Atmosfera e a dinâmica observadas no espaço das palafitas do Igarapé de Educandos seriam outras se o rio estivesse seco, pois, no período da vazante, torna-se inviável o acesso das embarcações regionais, uma vez que o corpo d'água diminui drasticamente, e o que prevalece é a degradação ambiental provocada pela ocupação do leito do Igarapé, ficando aparente somente o lixo que reside no fundo do Igarapé.

A interpretação dos dados obtidos na observação das palafitas do Igarapé de Educandos e de seu entorno levou a uma hipótese importante: a proximidade com o Rio Negro é fundamental para a composição da ambiência observada no Igarapé de Educandos, uma vez que este (assim como o Igarapé de São Raimundo) encontra-se com o Rio, conformando uma região limítrofe entre o Rio e a cidade, que pode ser interpretada como uma região fronteira entre a cultura ribeirinha, identificada com as margens dos rios, lagos e igarapés dos beiradões amazônicos, e a cultura urbana, identificada com o crescimento urbano desordenado/ordenado da cidade, sendo por meio dessa região fronteira que as palafitas adentram na cidade, avançando sobre o espaço da cidade através dos igarapés. Quanto mais avançam sobre a cidade, seguindo o contra-fluxo dos igarapés, mais as palafitas incorporam códigos da cultura urbana. Contudo, elas continuam fixadas às margens do corpo d'água e/ou no interior dele, com suas estacas de madeira ou de concreto, assim como observado no Igarapé do Franco, localizado na região centro-oeste da cidade.

Observação de campo no Igarapé de São Raimundo

A observação de campo das palafitas do Igarapé de São Raimundo, realizada no dia 2 de maio de 2008, ocorreu em três pontos: no bairro de Aparecida, ao lado de um estaleiro instalado às margens do Igarapé, no bairro de Aparecida; em cima da ponte que liga o bairro de Aparecida ao bairro de São Raimundo, e ao longo do trajeto realizado ao transitar pelas ruas do bairro de São Raimundo.

⁶ O bairro de Educandos fica localizado nas proximidades da região portuária de Manaus e do Mercado Municipal de Manaus, estabelecimento formado por grandes galpões no interior dos quais são comercializados produtos hortifrutigranjeiro e pescados da região.

Assim como o Igarapé de Educandos, o Igarapé de São Raimundo encontra-se com o Rio Negro na entrada da cidade de Manaus, contato que imprime a ambos uma dinâmica que está diretamente relacionada com o Rio, como o fluxo de navegação de embarcações regionais de pequeno, médio e grande porte, incluindo canoas e voadeiras.

A paisagem dos dois igarapés, contudo, é um pouco diferente, a começar pela própria geografia física: enquanto o Igarapé de Educandos conforma uma lagoa dentro da cidade, o de São Raimundo conforma uma longa extensão que avança sobre a cidade, atingindo os bairros da Glória e de São Jorge, propiciando a aglomerados de palafitas ao longo de toda a sua extensão.

A partir de observação visual, notou-se que o fluxo de embarcações no Igarapé de São Raimundo é mais intenso que no Igarapé de Educandos, sobretudo nas proximidades da ponte, onde o Igarapé de São Raimundo encontra-se com o Rio Negro.

O Igarapé é dotado de uma infra-estrutura que dá suporte às embarcações (Figuras 10): posto da Capitania dos Portos, posto de abastecimento de combustível, estaleiro e um pequeno porto localizado imediatamente antes da ponte que liga o bairro de São Raimundo ao de Aparecida, na região em que o Igarapé desemboca no Rio. Nesse trecho, a navegação é mais intensa, o que torna as águas do Igarapé mais agitadas, criando uma atmosfera menos pacata do que a experimentada na grande lagoa do Igarapé de Educandos.



Figura 10: O igarapé é dotado de uma infra-estrutura que dá suporte às embarcações, tais como posto da Capitania dos Portos. Fonte: Márcio Alexandre dos Santos Silva, 2008.

Notou-se também uma inserção mais aparente das palafitas de São Raimundo na paisagem urbana da cidade: as ruas, os prédios, o trânsito são mais visíveis do que nos



trechos observados no Igarapé de Educandos. Disposta como pano de fundo, a cidade aparece ao longo de toda a extensão do Igarapé de São Raimundo, contrastando, em camadas, com a paisagem tradicional formada pelo aglomerado de palafitas que ocupam o entorno e o leito do Igarapé.

Essa impressão talvez se deva à geografia física dos dois igarapés: um avança mais (São Raimundo) e outro menos (Educandos) sobre a cidade. Outro fator foi a posição dos pesquisadores, enquanto observadores, no campo da pesquisa: em Educandos, as palafitas foram observadas de frente para a lagoa formada pelo Igarapé, em direção ao Rio Negro, de onde não se vê a cidade, enquanto que no São Raimundo observou-se o Igarapé e as palafitas sempre com a cidade de fundo. Vale destacar que a posição dos pesquisadores privilegiou a melhor visualização dos objetos observados.

Conclusões

Este *paper* apresentou parte dos resultados alcançados com projeto que teve como explorar a relevância das palafitas no contexto da cultura amazônica, tendo a semiótica da cultura como fundamentação teórica, sobretudo o conceito de texto cultural. Os resultados nos permitem concluir que o próprio espaço geográfico no qual as palafitas incidem, isto é, o igarapé, constitui um espaço semiótico. Sem o igarapé, a palafita como texto cultural identificado com a cultura ribeirinha tende a desaparecer da cidade. Assim, o aterramento, a mudança de curso e/ou o saneamento promovidos pelas obras de revitalização do Prosamim retiram da cidade, ou modificam drasticamente, a condição necessária para a incidência dessa habitação tradicional ribeirinha no espaço da cidade. Do ponto de vista da diversidade cultural, a remoção das palafitas da cidade sem uma estratégia de preservação de sua memória representa uma perda na heterogeneidade da cultura, pois, juntamente com os problemas ambientais, sociais e de saúde pública derivados da ocupação desordenada dos igarapés, retira-se da cidade um texto da cultura amazônica. Trata-se de um problema assentado numa contradição, mas que não pode ser negligenciado, sob pena de se perde a memória mais remota de uma cidade cuja urbanidade surgiu do encontro nenhum pouco harmonioso com a cultura cabocla ribeirinha.

Referências bibliográficas

LOTMAN, Yuri M. (1990). **Universe of the mind. A semiotic theory of culture** (translated from Russian by Ann Shukman). Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press.



_____ (1992). La cultura e l'organismo. In: **La semiosfera. L'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti** (traduzione dal russo di Simonetta Salvestroni). Venezia: Saggi Marsilio. (p. 77-82) 10

_____ (1998). **La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto** (selección e traducción del russo Desiderio Navarro) Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València.

_____ (1998). **La Semiosfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio** (selección e traducción del russo Desiderio Navarro). Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València.

_____ (2000). **La Semiosfera III. Semiótica de las artes y de la cultura** (selección e traducción del russo Desiderio Navarro). Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València.

_____ (1998a). “La semiótica de la cultura y el concepto de texto”. In: NAVARRO, D.(org.). **La semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Cátedra (vol. 1).

_____ (1998b). “El texto en el texto”. In: NAVARRO, D. (org.). **La semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Cátedra (vol 1).

_____ (1998c). “El texto y el poliglotismo de la cultura”. In: NAVARRO, D. (org.). **La semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Cátedra (vol 1).

MACHADO, Irene (org.) (2007). **Semiótica da cultura e Semiosfera**. São Paulo: Fapesp/Anablume.

_____ (2003). **Escola de Semiótica. A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial.

MONTENEGRO, Yara Peres (2005). Os impactos ambientais causados pela Cidade Flutuante, e sua influência cultural e social dentro da sociedade amazonense. Resumo consubstanciado. Manaus.